

**A construção da argumentação no conto *A Fila* sob a ótica de Ducrot**

---

**letrônica**

---

Carla de Aquino<sup>1</sup>**1 Introdução**

Este artigo será baseado em conceitos propostos por Oswald Ducrot em sua obra *Polifonía y Argumentación* (1988) a respeito da Teoria da Argumentação na Língua. Nessa obra, Ducrot apresenta uma nova proposta da teoria que suprime as diferenças entre conotação e denotação. Segundo esse novo modelo da teoria, as palavras possuem em si um valor argumentativo e são consideradas como argumentativas, desempenhando papéis específicos no discurso. Consideramos aqui a polifonia e as direções argumentativas que os enunciados oferecem.

A análise e a discussão propostas visam ressaltar pontos positivos de um trabalho focado em linguagem quando se trata de textos literários em sala de aula. Mais do que simplesmente abordarmos idéias gerais de textos e impressões particulares dos alunos, descobriremos o que possibilita, em termos de estruturas e recursos lingüísticos, que eles cheguem a determinadas interpretações. Partindo do princípio de que o sentido do texto se constrói pela linguagem e, portanto, encontra nela seu ponto de partida, buscamos uma abordagem lingüística do texto literário.

O tema proposto aqui é um estudo dos movimentos argumentativos para convencimento ou refutação de argumentos apresentados em situações de enunciação sob a ótica de Ducrot. São analisados no decorrer desse artigo os diálogos estabelecidos entre Pererico e o porteiro de uma companhia – retirados do conto “A Fila”, de Murilo

---

<sup>1</sup> Mestranda em Lingüística Aplicada pelo programa de pós-graduação em Letras da PUCRS, bolsista CAPES.

Rubião – para que possamos compreender como ocorre a argumentação entre os dois nos momentos em que Pererico tenta convencer o porteiro de que precisa falar com o gerente da companhia e o porteiro tenta convencê-lo de que precisa adiantar o assunto para que possa ser atendido. Durante todo o tempo em que os diálogos ocorrem, Pererico aguarda em uma fila para poder ser atendido. Essa audiência acaba nunca ocorrendo porque o gerente morre antes que Pererico consiga falar com ele.

Para que se faça possível a análise desses eventos enunciativos, apresentaremos primeiramente os aspectos que são observados e uma fundamentação a respeito dos conceitos que servem de base para a análise. Em seguida, são introduzidos os diálogos entre as personagens, que compõem o corpus do trabalho e, logo, a análise individual das enunciações com o objetivo de reconhecer a polifonia dos enunciados e o posicionamento dos locutores em relação ao que dizem. Finalmente, fazemos uma reflexão acerca do fato de o locutor não ter sido bem sucedido em sua tentativa de convencer o seu interlocutor da necessidade que tinha de conversar com o gerente e a respeito das alternativas utilizadas pelos interlocutores na refutação da argumentação do outro.

## **2 Fundamentação teórica**

Em *Polifonia y Argumentación* (1988), Ducrot apresenta o que ele chama de “forma recente” da Teoria da Argumentação na Língua (doravante TAL), sendo esse o segundo momento da teoria que hoje está em sua terceira fase – a Teoria dos Blocos Semânticos. No segundo momento da teoria, o autor ressalta características que diferem da noção inicial de argumentação. Em teorias anteriores, acreditava-se na unicidade do sujeito falante, de forma que, por trás de cada enunciado havia apenas uma pessoa que falava. Essa idéia é modificada por Ducrot, que se insere a noção de polifonia na enunciação, ou seja, que há vários sujeitos com *status* lingüísticos diferentes em cada enunciado.

Segundo Ducrot, o sujeito falante desempenha diferentes funções no enunciado. A primeira é a de sujeito empírico, o ser no mundo. A segunda, de locutor, representa o responsável pelo enunciado na produção da fala. Para o autor, enunciados fazem falar até mesmo sujeitos não falantes e podem não ter locutor, embora sempre exista um sujeito empírico. E a terceira função é a de enunciador, que indica a apresentação de pontos de vista no enunciado. Os enunciadores origens de pontos de vista.

Como enunciado, Ducrot entende dois segmentos interligados, um argumento e uma conclusão. A partir do valor argumentativo das expressões utilizadas nesse argumento, somos

levados a essa conclusão, que pode ser expressa textualmente ou apenas sugerida. Às possíveis conclusões às quais podemos chegar, a partir das frases que compõem o enunciado, chamamos potencial argumentativo e ao princípio argumentativo que serve de intermediário entre o argumento e a conclusão chamamos *topos*.

Para a forma *Standard* da teoria da argumentação, o potencial argumentativo do enunciado pode ser definido em termos de conclusões que esse enunciado permite, ou continuação discursiva. Pela impossibilidade de encontrar traços comuns entre todos os enunciados em que uma EA (expressão argumentativa) é utilizada e definir seu valor argumentativo baseado nas conclusões possíveis de um enunciado, fez-se necessária uma nova definição de potencial argumentativo, que é a noção de *topos* – relacionada ao potencial argumentativo interno. Ducrot afirma que, mesmo possibilitando as mesmas conclusões, as expressões argumentativas podem ter valor argumentativo diferente. Ou seja, chega-se a uma mesma conclusão através de *trajetos argumentativos* diferentes.

A noção de *topos* desfaz a necessidade, que existia no modelo anterior da teoria, de o locutor se identificar com um dos enunciadores para que o ato de enunciação ocorresse. O autor defende que, nesse modelo, o enunciador passa a ser argumentativo e o enunciado constitui um ato de argumentação.

Ducrot afirma que para que o ponto de vista do enunciador seja argumentativo há algumas condições necessárias:

A primeira das condições é que o ponto de vista do locutor apóie determinada conclusão sobre a realidade. Essa conclusão pode ser de três tipos: explícita e assumida pelo locutor; não explícita, mas assumida pelo locutor (caso em que não está materialmente presente no enunciado, mas é indicada por ele); e implícita e não assumida pelo locutor, como no caso de enunciados irônicos.

A segunda condição para que um enunciado seja considerado argumentativo é a de que o trajeto que se deve seguir, do enunciado até a conclusão, seja guiado por um *topos*. A noção de *topos* trazida pelo autor teve sua origem em Aristóteles e, segundo Ducrot, é um princípio argumentativo que serve de intermediário entre o argumento e a conclusão. Ele é, assim, um terceiro elemento entre argumento e conclusão e representa a garantia que assegura esse movimento.

O *topos* tem as seguintes características: ele é comum, geral e gradual. Comum no sentido de que é compartilhado por uma comunidade de fala que é representada pelo enunciador e desse conhecimento compartilhado depende a conclusão a que se chegará. O

*topos* é geral porque não se aplica apenas a uma situação isolada, ele é também válido em situações análogas àquela. Se fosse válido somente em situações muito específicas não poderia ser compartilhado e entendido por toda uma comunidade. E é gradual porque, sob a ótica do autor, se estabelece em uma relação escalar entre o antecedente e o conseqüente – argumento e conclusão.

Ducrot propõe uma discussão a respeito da função dos enunciados ou, melhor dizendo, o que faz o enunciador quando argumenta. De acordo com esse modelo da teoria, o enunciador faz duas coisas ao argumentar: a primeira é escolher o *topos* e a segunda colocar a situação de que fala em um determinado lugar na escala antecedente.

Partindo desse estado de coisas estabelecido pelo enunciador através dessas escalas, há diferentes estratégias que podem ser utilizadas para se refutar um enunciado. O refutador pode negar a localização da situação na escala antecedente, o que impede a relação com a conseqüente para que se estabeleça a conclusão. Assim, o refutador nega o argumento. Outra forma possível é a negação da conclusão através de outro argumento. E há ainda a possibilidade da negação do *topos*. Nesse último caso, o refutador utiliza o mesmo argumento inicial do enunciador, mas nega a relação que existe entre antecedente e conseqüente na escala.

O objetivo da análise proposta a seguir é reconhecer a polifonia nos enunciados retirados de diálogos entre as duas personagens principais do conto e os recursos utilizados por elas na refutação dos enunciados do interlocutor.

Cabe aqui esclarecer que trataremos do sentido construído nas situações de discurso e não da significação de termos individualmente. Segundo Ducrot, a significação está para a língua assim como o sentido está para o discurso. Ou seja, a significação está contida nos itens lexicais e no histórico de uso que cada um deles constrói. No entanto, essa significação se atualiza no uso e pode ser modificada de acordo com as intenções do sujeito falante. Assim se constrói o sentido.

### 3 Corpus

O corpus selecionado para a análise é um conto de Murilo Rubião, “A Fila”, narrado em terceira pessoa com alguns diálogos da personagem principal, Pererico, com um sujeito que ele julga ser o porteiro da companhia.

Toda a argumentação que se estabelece entre o porteiro e Pererico é baseada em uma crença de superioridade do segundo em relação ao primeiro e espera de subserviência do

empregado da companhia para com os visitantes. Toda essa crença se desenvolve com base no preconceito de Pererico que, ao ver um negro saindo da sala da gerência, embora bem vestido e de ar refinado, crê que ele não deva passar do porteiro da companhia, embora o negro nunca tenha esclarecido qual a sua função naquela companhia.

#### 4 Metodologia

Foram selecionados para análise apenas trechos de diálogos estabelecidos entre Pererico e o porteiro, desprezando-se o restante da narrativa (embora ela pudesse também ser analisada à luz dessa teoria), de forma que se possam levar em consideração apenas fenômenos enunciativos e posicionamento de locutores em casos de polifonia na enunciação com base no discurso original dos interlocutores.

Além disso, estudaremos o modo utilizado pelos locutores para negar a argumentação de seus interlocutores através da negação de argumentos ou de conclusões possíveis e sugeridas por eles.

Para que fique mais claro quem representa o locutor em cada um dos trechos transcritos, os formalizamos da seguinte maneira:

(Po.) – Porteiro

(Pe.) – Pererico

Também para fins de formalização dos encadeamentos gerados pelos diálogos, são utilizados os termos de origem francesa *donc* (DC), que significa ‘portanto’ e, *pourtant* (PT), que significa ‘no entanto’.

#### 5 Análise

##### *Trecho 1*

No primeiro dia, ao chegar na Companhia.

(Po.) – Deseja falar com quem?

(Pe.) – Com o gerente.

(Po.) – Emprego?

(Pe.) – Não.

(Po.) – Seu nome.

(Pe.) – Pererico.

(Po.) – De quê?

(Pe.) – Não interessa, ele não me conhece.

(Po.) – Posso saber o assunto?

(Pe.) – É assunto de terceiros e devo guardar sigilo. Apenas posso assegurar-lhe que é coisa rápida, de minutos. Ademais tenho urgência de regressar à minha terra.

No enunciado “Não interessa, ele não me conhece”, temos um exemplo bem claro da polifonia na língua. Há um primeiro enunciador (E1) que afirma que a informação interessa e que o gerente o conhece ou pode conhecer e um E2 que nega essa possibilidade. Ou seja, mesmo sabendo que a informação interessa ao homem pelo simples fato de tê-la perguntado, Pererico nega-se a dar tal informação. Dessa forma, o locutor reconhece a existência do E1, mas assume a idéia de E2.

A formalização da polifonia nesse enunciado seria, portanto, a seguinte:

E1 – *Conhecer DC ser importante informar.*

E2 – *Não conhecer DC não ser importante informar.*

No segundo enunciado grifado “É assunto de terceiros, devo guardar sigilo”, Pererico apresenta seu primeiro argumento no conto para que o assunto que deseja tratar com o gerente não seja revelado.

*Ser assunto de terceiros DC merecer sigilo.*

No entanto, no enunciado que segue ele apresenta argumentos para que tenha a chance de ser atendido mesmo não revelando o assunto sigiloso, como que respondendo a uma possível argumentação do porteiro: *Revelar assunto DC merecer ser atendido.*

Pererico, assim, acrescenta mais argumentos que levariam a essa mesma conclusão:

*Ser coisa rápida e ter urgência DC merecer ser atendido.*

Essa possível conclusão não é textualmente mencionada no diálogo, mas é sugerida pelos argumentos que se seguem, ou seja, somos dirigidos a ela pelo valor argumentativo das palavras.

## ***Trecho 2***

No segundo dia, depois de ter passado um dia todo esperando para ser atendido e não ter alcançado o seu objetivo.

(Pe.) – Estou entre os primeiros que aqui chegaram e recebo uma ficha alta! Denunciarei ao gerente a sua safadeza, negro ordinário.

(Po.) – As senhas de números baixos foram entregues aos que dormiram no pátio, através de distribuição interna. Quanto à sua queixa junto ao meu superior, vai demorar.

(Pe.) – Como assim? Por que essa discriminação, permitindo somente a alguns o privilégio de dormirem aqui?

(Po.) – A permissão de passar a noite no recinto é dada aos que não fazem segredo dos assuntos a serem tratados com a administração da empresa.

O primeiro enunciado de Pererico apresenta três diferentes enunciadores ou pontos de vista. São eles:

*E1 – Estar entre os primeiros DC receber ficha baixa.*

*E2 – Não estar entre os primeiros DC receber ficha alta.*

*E3 – Estar entre os primeiros PT receber ficha alta.*

É o que diz E3 que o locutor assume, mesmo reconhecendo a existência dos outros dois enunciadores para que se possa chegar a uma conclusão que parece não ser aceitável para ele e ter motivos para reclamar.

O porteiro, como resposta, acrescenta outro argumento que justificaria o acontecido e negaria o argumento de Pererico, de modo que ele não estaria entre os primeiros a serem atendidos, apenas estaria entre os primeiros da fila do lado de fora do portão. Os primeiros, na verdade, seriam os que estavam na fila interna, como se identifica no enunciado:

*E1 – Dormir no pátio DC receber ficha baixa.*

*E2 – Não dormir no pátio DC receber ficha alta.*

Dessa forma, ele indica que Pererico se assimila ao segundo grupo citado nos argumentos, o dos que não dormiram no pátio e, portanto, recebeu uma ficha alta.

E ainda respondendo a outro questionamento de Pererico, o porteiro traz um argumento que justificaria o fato de ele dar prioridade apenas a alguns para dormirem no pátio, mostrando que Pererico não se enquadra nesse grupo. No enunciado que apresenta esse novo argumento do porteiro, também podemos identificar dois enunciadores:

“A permissão de passar a noite no recinto é dada aos que não fazem segredo dos assuntos a serem tratados com a administração da empresa”.

*E1 – Fazer segredo DC não ter permissão para dormir no pátio.*

*E2 – Não fazer segredo DC ter permissão para dormir no pátio.*

O locutor, embora enuncie o ponto de vista de E2, implica que, já que Pererico faz segredo do assunto a ser tratado com a gerência, ele não terá permissão para dormir no pátio e, portanto, assimila seu interlocutor com E1.

### ***Trecho 3***

No dia seguinte, depois de ter discutido com o porteiro e agredido-o, e de ter um senhor passado à sua frente quando havia chegado o seu momento de ser atendido, nova argumentação com o porteiro.

(Po.) – Você foi precipitado, ontem, por não ouvir minhas explicações. O cavalheiro que tomou o seu lugar marcara audiência há vários dias e, além disso, tratava-se de pessoa da intimidade do gerente. Quanto à agressão, espero que fique só na ameaça, para seu próprio bem.

(Pe.) – É que tenho necessidade urgente de retornar à minha cidade e a demora me impacienta.

A argumentação do suposto porteiro nesse trecho representa uma espécie de aviso ou advertência para que Pererico não passe dos limites em suas reclamações, tenha paciência e respeite a figura do porteiro. Essa enunciação do porteiro poderia ser resumida como:

*Agredir e não ouvir explicações DC ser precipitado*

*Marcar audiência com antecedência e ser íntimo do gerente DC ter prioridade*

A essa argumentação, Pererico responde argumentando da seguinte forma:

*Estar impaciente DC agredir.*

*Ter necessidade urgente de voltar para casa DC merecer prioridade*

O primeiro argumento do porteiro é confirmado pelo homem. No entanto, ele apresenta outro argumento, que seria o motivo pelo qual ele teria falhado. Através desse novo argumento ele justifica seu erro e se livra da acusação, refutando o enunciado do porteiro.

A conclusão da segunda enunciação é sugerida pelo argumento posteriormente utilizado em relação aos argumentos anteriores, embora não seja explicitada em palavras na enunciação. Nesse caso, Pererico acrescenta um argumento além do que foi utilizado pelo porteiro para convencê-lo de que também seja merecedor de prioridade no atendimento.

#### ***Trecho 4***

No quarto dia de tentativas.

(Pe.) – Quem sabe você conseguiria uma audiência especial para mim? Acho que me atenderão, se souberem da importância do meu assunto.

(Po.) – Ninguém vem aqui por divertimento. Desde que tem pressa de viajar, eu poderia resolver o seu caso, poupando-lhe o tempo.

(Pe.) – O meu problema foge à sua alçada.

No primeiro enunciado grifado de Pererico, podemos encontrar diferentes pontos de vista apresentados, tendo como base enunciados anteriores do porteiro em que ele deixava

claro que Pererico não teria prioridade no atendimento porque queria manter sigilo a respeito do assunto a ser tratado. Ao dizer “Acho que me atenderão, se souberem da importância do meu assunto”, Pererico reconhece a existência desse ponto de vista anterior.

E1 – *Não saber a importância do assunto DC não ser atendido.*

E2 – *Saber a importância do assunto DC ser atendido.*

O ponto de vista assumido pelo interlocutor nesse enunciado é o segundo, pois ele tem como objetivo a conclusão do mesmo. E a essa enunciação o porteiro responde: “Ninguém vem aqui por divertimento”, reconhecendo a existência de um enunciador prévio que faça uma afirmação, atribuindo essa afirmação a Pererico, seu interlocutor.

E1 – *Alguns vêm aqui por divertimento.*

E2 – *Ninguém vem aqui por divertimento.*

Desse modo, o locutor (porteiro) assume E2 e reconhece E1 como ponto de vista pertencente a Pererico.

Nesse momento somos levados à seguinte conclusão quanto ao enunciado anterior de Pererico e à posição do porteiro a respeito dele:

E3 – *Saber a importância do assunto PT não ser atendido.*

O que quer dizer que mesmo que Pererico, desta vez, revele o assunto e que ele seja de importância, isso não significa que ele será atendido, uma vez que todos os que lá vão têm assuntos de importância a serem tratados com a administração. E3, dessa forma, representa o ponto de vista do porteiro em relação à argumentação de Pererico.

Nos enunciados que seguem, o porteiro sugere que, no caso de ter pressa, a melhor alternativa para Pererico seria aceitar a sua ajuda e poupar o tempo de espera na fila para falar com o gerente:

E1 – *Ter pressa DC aceitar ajuda e poupar tempo.*

No entanto, Pererico ao dizer “O meu problema foge à sua alçada” sugere a seguinte conclusão:

*Problema fugir à alçada do porteiro DC não aceitar ajuda.*

ou ainda:

*Ter pressa PT não aceitar ajuda.*

Através desse enunciado Pererico refuta o enunciado do porteiro utilizando o mesmo argumento, mas negando o *topos* que levaria a tal conclusão.

### ***Trecho 5***

Depois de aguardar um mês pela audiência sem sucesso e já sem dinheiro para permanecer na cidade e emagrecido pela fome.

(Po.) – Você está seguindo o caminho errado e se sacrificando à toa. Nem remunerado deve ser. Se colaborasse comigo, tudo seria fácil.

No primeiro enunciado temos a polifonia característica da negação trazida por *Nem*, que seria o mesmo que dizer “não é remunerado”. A relação que se estabelece entre essa negação e o segmento antecedente é a seguinte:

E1 – *Ser remunerado DC ter motivos para se sacrificar.*

E2 – *Não ser remunerado DC se sacrificar à toa.*

O locutor reconhece a existência de E1 e assume E2.

Além disso, o porteiro acrescenta um argumento que facilitaria os investimentos de Pererico no propósito de falar com o gerente da Companhia. Esse novo enunciado sugere outra polifonia:

E1 – *Colaborar DC ter facilidade.*

E2 – *Não colaborar DC não ter facilidade.*

O porteiro aqui apresenta o enunciado na forma afirmativa, mas utiliza um condicional, o que indica que a posição assumida por ele, na verdade, é de E2. Ou seja, ao dizer que SE Pererico colaborasse, teria mais facilidade, pressupõe-se que Pererico não colabora e, portanto, não tem facilidade.

Pererico, depois de ter sido convencido por uma trabalhadora da Companhia a agradecer o porteiro com o intuito de finalmente conseguir a audiência, tenta nova aproximação. Primeiramente, trata de cumprimentá-lo discretamente todos os dias. Depois pede para que lhe consiga uma reunião com o gerente sem que precise entrar novamente na fila. O Porteiro encaminha Pererico para um secretário que marcaria a audiência, e ele sai de uma fila e entra em outra, pois continua com 400 pessoas à sua frente na fila. Quando finalmente fala com o secretário, se recusa novamente a divulgar o assunto da audiência e não é encaminhado por ele para a tão esperada audiência com o gerente.

Depois dessa conversa com o secretário, Pererico recusa-se a esperar em filas novamente e a essa situação se seguem atos de agressão contra o porteiro e discussões. Depois de mais ou menos seis meses esperando no pátio, Pererico resolve dar um passeio pela cidade seguindo a sugestão de uma amiga que conhecera na fila e, quando volta, recebe a notícia de que o gerente havia morrido durante a sua ausência e que, suspeitando do que aconteceria,

tinha atendido todas as pessoas que aguardavam na fila. Pererico, decepcionado, resolve voltar para a sua cidade.

## **6 Considerações Finais**

A argumentação é um processo natural na comunicação. Quando estabelecemos diálogos com outros indivíduos, normalmente estamos tentando expor nosso ponto de vista sobre algo e, freqüentemente, convencer nosso interlocutor de que esse nosso ponto de vista é o mais adequado. Da mesma forma, nossas conversas diárias estão impregnadas de processos característicos da argumentação como a refutação ou negação de argumentações anteriores e a apresentação de contra-argumentos.

Levando em consideração as análises propostas no decorrer deste trabalho, pudemos notar que uma abordagem lingüística de textos literários possibilita esclarecer de que forma o leitor pode chegar a determinadas conclusões a respeito do que lê e, assim, ter um melhor entendimento daquilo que é estudado e discutido.

Como propõe Ducrot, a TAL é fundamentada no princípio de que as palavras contêm em si certo valor argumentativo e que é através da relação que se estabelece entre elas na enunciação que se constrói o sentido do que é dito. O sentido, dessa forma, não é construído de fora para dentro na linguagem, do mundo para a língua, e sim de forma inversa.

De acordo com a teoria da Polifonia de Ducrot, os enunciados não são compostos por apenas um sujeito falante, mas apresentam diversos pontos de vista que podem ser depreendidos do enunciado. Esses pontos de vista nem sempre são assumidos pelo locutor, mas estão ali presentes e o locutor os reconhece e neles baseia-se para assumir determinadas posições.

Nos trechos analisados pudemos perceber que, conforme depreendemos os diferentes enunciadorees presentes no enunciado e reconhecemos o enunciadoree assumido pelo locutor, o movimento argumentativo de cada enunciado se define. Os argumentos utilizados no decorrer do discurso determinam a conclusão da interlocução e as refutações utilizadas deixam claros quais argumentos são aceitos pelo interlocutor.

No primeiro trecho analisado, visualizamos um exemplo de polifonia em que a posição assumida pelo locutor começa a direcionar a argumentação que se segue por todo o enunciado. A apresentação de Pererico e sua negação de informações que seriam importantes para que agendasse o atendimento indicam que a argumentação, a partir dali, terá de se estender pelo fato de que não fornecer informações necessárias servirá como argumento para

que o ‘porteiro’ não lhe conceda permissão para ser atendido pelo diretor. Sendo assim, Pererico sente a necessidade de apresentar, nas interlocuções seguintes, outros argumentos que também sirvam para que se chegue à mesma conclusão: a de que ele merece ser atendido, embora não queira revelar o assunto a ser tratado com a administração da companhia.

Todo o processo de argumentação que se constrói no texto é baseado no empenho de Pererico em apresentar argumentos que possibilitem a conclusão de que ele merece prioridade e deve ser atendido pelo gerente, enquanto o porteiro argumenta em favor da conclusão contrária, a de que Pererico não merece prioridade e não terá a oportunidade de conversar com o gerente da companhia. Considerando o desfecho da história, em que Pererico não foi atendido pelo gerente, podemos afirmar que o porteiro tinha superioridade em relação a Pererico.

No processo de argumentação, Pererico utiliza vários argumentos para chegar à conclusão de que merece ser atendido, os quais podem ser resumidos aqui pelo seguinte esquema:

<i>Ser assunto de terceiros e dever guardar sigilo</i>	}	DC	<i>merecer ser</i>
<i>Ter pressa de regressar à sua terra</i>			
<i>Ser coisa rápida</i>			
<i>atendido.</i>			
<i>Estar entre os primeiros que lá chegaram</i>			
<i>Ter necessidade urgente de retornar à sua cidade</i>			
<i>Ser assunto de importância</i>			

Um encadeamento síntese para todos os estes apresentados seria:

*Ter necessidade de falar com o gerente DC merecer ser atendido.*

Entretanto, o porteiro apresenta apenas um argumento que leva à conclusão de que Pererico não merece ser atendido:

*Não revelar assunto a ser tratado com a gerência DC não merecer ser atendido.*

A recusa de Pererico a revelar o assunto a ser tratado impossibilita que o porteiro faça a triagem dos assuntos de interesse da companhia. Os outros argumentos apresentados pelo porteiro em seu discurso são apenas para se defender das acusações de Pererico e refutar seus argumentos.

Sendo assim, podemos verificar a partir da análise que o processo de refutação de enunciados que ocorre nas interlocuções (ou refutações sugeridas nas entrelinhas) se dá, na maior parte dos exemplos, através da apresentação de novos argumentos que tornariam

possíveis a mesma conclusão apresentada. Há duas conclusões a que podemos chegar: a de Pererico, de que merece ser atendido, e a do porteiro, de que ele não será atendido. Não há, nos diálogos, a negação de argumentos utilizados pelos interlocutores, e, apenas no trecho 4, há a utilização do mesmo argumento e a negação do *topos* – percurso entre argumento e conclusão, direção que deve ser tomada pelo interlocutor.

Os encadeamentos apresentados sugerem que o porteiro, apesar de apresentar apenas um argumento, tem superioridade em relação a Pererico porque seu argumento é de origem institucional. Ele precisa saber qual é o assunto a ser tratado com a administração para decidir se esse assunto realmente é de interesse da gerência. Por outro lado, Pererico, mesmo apresentando diversos argumentos, tem a sua argumentação invalidada perante o porteiro, talvez pelo fato de que todos os seus argumentos são de cunho pessoal e possuem importância apenas para ele. Sendo assim, o encontro acaba nunca acontecendo.

Essa conclusão indica que argumentos pessoais, como os de Pererico, não atribuem poder ao locutor que os assimila. Já argumentos impessoais, como o do porteiro, atribuem mais poder ao locutor.

Outro fator importante na análise de enunciados é notarmos a importância dos elementos lingüísticos para a construção do sentido de qualquer tipo de texto. Nos exemplos apresentados, abordamos a polifonia na linguagem em todos os casos em que encontramos negações, embora existam outras formas de polifonia nos enunciados. Esse processo se deu tanto no caso de negações simples utilizando o “não”, quanto nos casos em que encontramos termos como “nem”, que carregam em si uma conotação negativa, para indicar essa relação.

Concluimos com esse estudo que uma abordagem lingüística no trabalho com o texto literário em sala de aula possibilitaria uma consciência maior por parte dos alunos do fato de que as escolhas lingüísticas direcionam o sentido ao qual chegamos na leitura. Isso significa dizer que nem todas as interpretações são possíveis de serem atribuídas ao locutor quando lemos um texto, elas são, ao contrário, limitadas e determinadas pelo próprio discurso.

Quando os alunos estão preparados para ler um texto e encontrar nele mecanismos que dirijam a sua interpretação, eles estão, conseqüentemente, mais preparados para entender o que lêem. Dessa forma, é de extrema importância que o professor que trabalha com texto, com literatura e com língua na escola reconheça o seu papel e oportunize esse tipo de contato com textos aos alunos.

Propomos aqui um trabalho com língua que visa esclarecer, na sala de aula, que o papel da língua é argumentar e que o sentido de qualquer texto se constrói pela língua e dela

deve ser apreendido no ato da leitura. Para isso, baseamos a análise proposta na TAL de Ducrot, em sua segunda fase, discutindo especialmente o conceito de polifonia e os pontos de vista assumidos pelos locutores na argumentação. Defendemos neste artigo que a análise lingüística do texto não pode ser desvinculada do trabalho com textos literários em sala de aula e que o trabalho proposto possibilitaria uma melhor preparação dos alunos para o processo de leitura e interpretação de textos.

### **Referências**

DUCROT, Oswald. *Polifonía y Argumentación*. Cali: Universidad Del Valle, 1988.

RUBIÃO, Murilo. “A fila”. Apud: *Contos Reunidos*. São Paulo: Ática, 1999.

SANTOS, Noemi Luciane. *A Polifonia no movimento argumentativo do discurso*. Apud: *Cadernos de Pesquisa em Lingüística*. Porto Alegre, Vol.2., nº.1., novembro de 2006.

SILVA, Carmem Luci da Costa; TOLDO, Cláudia Stumpf; BARBISAN, Leci Borges; MARQUARDT, Lia Lourdes; MACHADO, Rejane Flor. Enunciação e argumentação no discurso. Apud: *Cadernos de Pesquisa em Lingüística*. Porto Alegre, Vol.2., nº.1., p. 102-111, novembro de 2006.